

Leitura e Escrita na Web: Interação Social e Normativismo Linguístico em *Fanpages* do *Facebook**

Hosana Monteiro de Araújo (UPE)

Resumo: A sociedade vive um momento de grandes transformações devido ao avanço tecnológico. Uma grande parte da população comunica-se através de redes sociais e *sites* como o *Facebook*, em que são observadas diferentes formas de escrita. Tendo em vista esses aspectos, a presente investigação tem por objetivo analisar os julgamentos sobre os usos das práticas de leitura e escrita que circulam no *Facebook*, a partir da análise de textos publicados em páginas (*fanpages*) que circulam nesse *site*. A fundamentação teórica dessa pesquisa inclui o estudo de Pimentel (2014), que discute gêneros do *Facebook*; Melo e Bezerra (2011), sobre internetês; Antunes (2009), para algumas abordagens sobre língua; Bagno (2007), sobre o conceito de norma; e Marcuschi (2008), sobre análise de gênero. O *Facebook* constituiu o *locus* de nossa pesquisa, de modo a possibilitar toda a investigação do *corpus*, que foi formado por 05 *fanpages* voltadas para a defesa da língua e/ou que ofereciam dicas de usos da língua. Nessas *fanpages*, coletamos 50 exemplares de postagens, escolhendo aquelas que possuísem mais curtidas ou comentários. Com o resultado da

* Este artigo se refere ao projeto PIBIC/CNPq (2014-2015) “Leitura e escrita na web: interação social e normativismo linguístico em *fanpages* do *Facebook*”, desenvolvido na Universidade de Pernambuco, *Campus* Garanhuns, sob a orientação do Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra.

pesquisa pode-se perceber a grande variação linguística que há nas *fanpages*, como também as visões preconceituosas em torno da linguagem usada no ambiente.

Palavras-chave: *Fanpages. Facebook. Normativismo linguístico.*

Abstract: Our society lives a time of huge changes due to technological advancements. A large part of the population communicates through social networking sites like Facebook, in which one can observe different forms of writing. Thus, this research aimed to analyze judgments on practices of reading and writing circulating on Facebook, based on the analysis of texts published in fanpages that circulate in this site. The theoretical foundation for this research includes Pimentel's study (2014), on genres in the Facebook; Melo and Bezerra (2011), on netspeak; Antunes (2009), for some approaches on language; Bagno (2007), on the concept of language norm; and Marcuschi (2008), on genre analysis. Facebook was the locus for our research, from which the entire corpus of the research was collected, which was formed by 05 fanpages aimed on the language defense and/or on offering tips of language usages. From these fanpages, we collect 50 posts, choosing those who possessed more likes and comments. With the result of the research, we were able to notice a great linguistic variation in the fanpages, and also the prejudiced views around the language used in the virtual environment.

Keywords: Fanpages. Facebook. Linguistic normativism.

Introdução

Pesquisas sobre a escrita no ambiente virtual mostram que estudiosos e linguistas têm se preocupado em estudar o uso da linguagem em tais ambientes. As mudanças ocorridas na linguagem em uso na internet estão relacionadas aos novos olhares sobre as formas de expressão e interação entre as pessoas nas redes, interferindo de maneira significativa no modo de comunicação (PIMENTEL, 2014). A escrita no ambiente digital está sendo muito usada, principalmente pelos jovens em idade escolar que acabam sofrendo por parte de instâncias reguladoras do uso da língua portuguesa. A escrita no ambiente digital, mais do que um meio de comunicação, torna-se uma ferramenta de análise sobre o uso do que é “certo” e “errado” na língua, pois muitos veem essas práticas de escrita no ambiente como uso informal e fora dos padrões. As pessoas que usam o internetês, por exemplo, são as principais vítimas do preconceito linguístico.

Diante dessa questão, este artigo objetiva analisar posturas avaliativas sobre o uso das práticas de leitura e escrita no ambiente digital, identificando e discutindo *fanpages* do Facebook que estão voltadas para a defesa da língua portuguesa. O *Facebook*, por ser um meio de comunicação rápido e acessível, tornou-se a principal fonte de informações e comunicação entre as pessoas, sobretudo os jovens. O estudo

aqui proposto, de caráter exploratório e qualitativo, adotou os seguintes procedimentos de coleta e análise:

- coleta de 5 *fanpages* do Facebook;
- coleta de 50 exemplares, 10 por *fanpages*;
- análise do conteúdo das postagens e respectivos comentários.

Assim, o nosso objetivo, a partir da análise, foi observar as concepções normativistas da língua presentes nas *fanpages*, e também a relação com as práticas de leitura e escrita em ambiente digital. Além disso, observamos e discutimos concepções normativistas da língua. Nessa perspectiva, alguns trabalhos já trouxeram importantes contribuições, dentre eles podemos citar Araújo (2005) com as discussões em torno do uso da linguagem; Bagno (1999) com suas abordagens em torno do preconceito linguístico que rodeia o meio social; Marcuschi e Xavier (2004) que tratam dos gêneros digitais; Koch (2012) com os estudos do texto, entre outros.

Para a organização do trabalho, primeiro serão abordadas as diferentes concepções de língua e linguagem. Em seguida, trataremos do uso da leitura e escrita no ambiente digital, considerando o caso do *Facebook*; no tópico seguinte, abordamos a variação linguística, o conceito de norma e o

internetês. E por fim, será apresentada a análise dos conteúdos, encerrando com as considerações finais.

1. Concepções de língua e linguagem

Atualmente, as várias mudanças ocorridas nos processos de uso da língua vêm sendo motivo de estudos em diversas áreas. Acerca do que é observado nas escolas e, principalmente, nas aulas de português, a língua é vista em uma concepção estática, sem mudanças, sem imprevisibilidades e descontextualizada (ANTUNES, 2009). É tanto que se percebe a ausência de novos métodos de ensino em sala de aula. O professor segue, na maioria das vezes, o livro didático que é acompanhado de várias concepções normativistas da língua. Algumas pessoas que aceitam essa visão normativista acabam esquecendo que a língua é uma atividade variada e está sempre mudando com o tempo. Um exemplo disso são as diferentes palavras no dicionário de português, que foram modificadas do português antigo para o português atual.

Foi por este motivo, da língua estar sendo mal entendida, que os estudiosos passaram a abordar algumas concepções de língua e linguagem para que o ensino pudesse se refletir positivamente a respeito do uso da língua em sala de aula.

Como afirma Antunes (2009, p.35), a “língua é uma atividade funcional, e que está ligada ao espaço físico e cultural em que vivem seus usuários”, ou seja, as línguas são atividades sociais que se desenvolvem em situações comunicativas através de um contexto em que estão inseridas. A sociedade está intimamente relacionada com as formas de linguagens e suas respectivas variações.

Segundo a autora supracitada, “há uma estreita e inexorável reciprocidade entre língua e sociedade, entre língua e história, entre língua e cultura, por conta da funcionalidade da linguagem” (2009, p. 36). O que a autora afirma é que a linguagem, assim como a língua, também se constrói a partir de uma determinada sociedade ou cultura. Em outra afirmação a respeito da linguagem, Antunes (2009 p.36) afirma que “a linguagem é regulada e moldada pelas estruturas sociais, de forma que não existem usos linguísticos aleatórios ou duplicações irrestritas”. Além de conhecer a língua, as pessoas devem conhecer sua história, seus processos que envolvem o uso social.

Além da abordagem feita por Antunes, tem-se uma concepção de língua muito importante apresentada por Bakhtin (1997, citado por Pimentel, 2014, p. 23), que “a língua deveria ser vista como uma atividade social, histórica e interativa, sendo

a atividade de comunicação entre dois enunciadores bastante complexa”. A linguagem, como característica social, desenvolve a capacidade que o ser humano tem de agir diante de uma situação comunicativa, ou seja, em um contexto de produção de sentido.

A língua não tem sentido por si só, é um sistema de práticas sociais que depende do contexto em que se situa. Pode ser compreendida através de vários ângulos teóricos, pois existem diferentes posições em que esta pode ser vista. A língua pode ser vista como forma ou estrutura, e estudada em suas propriedades autônomas, conforme teoria proposta por Saussure e Chomsky, estudos estes que dão ênfase aos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, deixando a desejar no que tange ao processo de significação e de compreensão.

A língua também é concebida como instrumento transmissor de informações, numa visão da teoria da informação, bem como pode ser representada como entidade puramente mental do ponto de vista do cognitivismo, deixando de lado os fenômenos sociais. Finalmente, a língua é vista como atividade cognitiva e sociointerativa situada, na qual é considerada em seus aspectos sistemáticos, cognitivos e sociais (MARCUSCHI, 2008).

No geral, esses estudos feitos sobre a língua no processo de textualização abordam definições diferentes, e dentre essas diferentes concepções abordadas Marcuschi (2008, p. 59-60) apoia-se numa concepção de língua chamada textual interativa. O referido autor afirma que “a língua é uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. É um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sob a qual atua sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa”.

A língua é uma atividade ampla que se desenvolve em situações comunicativas. A linguagem seria então uma prática social que se concretiza linguisticamente, por meio do discurso falado ou escrito (ANTUNES, 2009).

As mudanças linguísticas não são aceitas facilmente nas sociedades. Em cada momento de mudança as pessoas tentam atribuir a culpa a alguém ou a algum grupo, embora nunca haja especificamente um culpado (BAGNO, 2007). Isso acontece porque muitas pessoas vivem presas ao conjunto de regras conhecido como norma-padrão, fator que se vê muito nas escolas.

Quando se trata do ensino de língua nas escolas pensa-se logo na gramática e nos professores tentando implantar na cabeça dos alunos uma nova forma de falar. Nesse caso o que

prevalece é um ensino de transmissão de conhecimento, no qual o aluno não é estimulado a buscar novos conhecimentos, vivendo preso em uma forma de compreensão de uma formação acabada e pronta (ANTUNES 2009).

O estudo da linguagem não se resumiria por aqui, não se pode dizer que a língua é limitada, ela faz parte de um sistema homogêneo, composto de vários níveis hierarquicamente distribuídos (MARCUSCHI, 2008). Dentre as abordagens apontadas anteriormente, percebe-se que há uma observação a ser analisada em relação à escola, ou seja, a sua função diante do ensino da língua.

O que foi observado até agora é que a escola está diretamente voltada para o ensino da escrita padrão, o que tem ocasionado a proibição dos jovens ao acesso de *sites* como *Facebook*, por exemplo, em ambientes escolares. Algumas pessoas, guiadas pelo discurso do senso comum, concebem o *Facebook* como o causador dos problemas ortográficos, uma vez que ele está associado a um ambiente de lazer e entretenimento.

Por outro lado, a necessidade de agilidade na comunicação do ambiente virtual tem apresentado uma imensa rapidez na escrita, na qual não há tempo para seguir uma ortografia padrão com todos os acentos (MELO; BEZERRA,

2011). Esse padrão virtual a que a escrita vem sendo exposta tem sido motivo de muitos preconceitos, principalmente nas escolas e por parte dos professores de português. Muitos deles usam diversos argumentos contra o uso da linguagem da internet e afirmam que ela é a causadora dos problemas de aprendizagem dos alunos e que os vícios da internet estão a todo tempo invadindo redações e trabalhos escolares, (XAVIER, 2004).

A sociedade exige que as pessoas estejam capacitadas para usar os meios tecnológicos e poder atuar no mercado de trabalho, mas não aceita que utilizem a linguagem da internet por ser considerada “errada”. De acordo com Pimentel (2014 p.38) “a atual conjuntura da sociedade exige que o cidadão tenha conhecimento sobre a tecnologia digital e possa desenvolver competências específicas relativas às práticas de leitura e escrita voltadas para esse ambiente”. As pessoas também devem entender que há uma grande diferença entre a linguagem da internet e a escrita com erros ortográficos.

2. Leitura e escrita no ambiente digital: o caso do *Facebook*

Com o advento da internet, a leitura e a escrita se estruturaram hipertextualmente através de um novo suporte que

é o computador. Sobre isso, segundo explica Pimentel (2014, p. 34): “a escrita trouxe uma nova perspectiva para a comunicação. Com ela é possível que fatos presenciados e relatos feitos sejam conhecidos por pessoas que viveram em outros lugares e épocas”. Nos últimos anos, sites como o *Facebook* tem sido um dos espaços mais utilizados para a comunicação e interação entre pessoas. A escrita evoluiu, mas não eliminou outros textos já existentes. O texto como unidade básica da comunicação humana sempre esteve presente. Com a introdução do computador e o acesso à internet os textos foram modificados.

A atual sociedade está vivendo momentos de transformações, especialmente quando se trata das tecnologias de informação e comunicação. A linguagem em uso nessas tecnologias é frequentemente fundamentada em hipertextos e há uma diversidade de possibilidades de comunicação (PIMENTEL, 2014). Na escrita da internet o leitor trilha o próprio caminho e a leitura não exige que este siga uma linearidade exata como ocorre no texto impresso.

As práticas de leitura e escrita nas redes, através do *Facebook*, por exemplo, mostram ao leitor diferentes formas de utilização de informações em diferentes formatos e fontes variadas (MAGNABOSCO, 2009). Nesse caso, acontece um

processo de hipertextualidade, o leitor em um mesmo ambiente tem acesso a diversas vias de comunicação. “No hipertexto a leitura e a escrita acontecem de forma multilinear e multi-sequencial. Os fins são determinados pelo leitor por apenas um clique, a tela é uma unidade temporal diferente da página estrutural” (LÉVY, 1999, p.33).

Diante de observações acerca do processo de interação que ocorre no Facebook percebe-se uma visão crítica e preconceituosa a respeito da linguagem escrita usada por internautas. Linguistas e especialistas da área tentam rebater essa visão normativista evidenciada nas críticas que rodeiam o ambiente digital e afirmam que o problema da comunicação internetiana não está na escrita, mas sim nos desafios cognitivos e no acúmulo de informações para enfrentar os problemas de compreensão, segundo os estudos de Araújo e Rodrigues (2005).

Em muitas mudanças e visões preconceituosas em torno da escrita percebida em ambientes digitais observou-se uma visão dicotômica separando a fala da escrita. Foi a partir dessa ideia que verificou-se, também, o preconceito contra a língua falada. A fala usada no cotidiano das pessoas passou a ser vista como informal e fora das regras da gramática normativa. Já a escrita, por necessitar de mais exigências quanto ao uso das

regras gramaticais como ocorre em e-mails, por exemplo, é considerada como a formal, correta (BAGNO, 2007).

Diante de estudos mais recentes em relação à fala e à escrita, estudiosos como Marcuschi (2001) tentam rebater essa ideia, mostrando a importância entre as duas modalidades, em cada uma delas pode-se perceber a produção textual que se configura com os gêneros textuais presentes.

Devido ao problema chamado preconceito linguístico as pessoas não aceitam os novos métodos que são utilizados para o processo comunicativo, principalmente quando se trata da linguagem em sites como o *Facebook*. Muitos estudiosos e linguistas se preocupam em estudar essa questão, e discordam de muitos conceitos que são vistos como tabus para a sociedade em relação ao uso da escrita nesse ambiente. Como afirma Lévy (citado por Porto, 2006, p. 44), a “tecnologia não é boa nem má, dependendo das situações, usos e pontos de vista, e tampouco neutra, já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha as possibilidades”.

3. Variação linguística, norma e internetês

O acesso à internet tem desenvolvido muito a vida e os costumes das sociedades, sobretudo quando se trata dos

diversos recursos utilizados para a comunicação, ou seja, ambientes virtuais que propagam a interação como no caso do *Facebook*, por exemplo, que constitui uma escrita diversificada.

O uso da linguagem tornou-se necessário para a comunicação, as várias mudanças ocorridas com o uso da língua passaram a fazer parte do meio social. A ideia de que a língua é uniforme ainda rodeia ambientes escolares, e muitos professores priorizam o ensino da língua apenas com a utilização das gramáticas normativas descartando a diversidade linguística no meio escolar (NOGUEIRA, 2012).

As pesquisas sociolinguísticas, por exemplo, apontam para uma variação linguística social, trazendo noções fundamentais de língua como sistema heterogêneo. Conforme afirma Bagno (2007 p. 75), “pesquisas feitas em diversos países têm demonstrado que a mudança linguística é impulsionada por dois grupos sociais: (1) as faixas etárias mais jovens e (2) as camadas médias-baixas da população”. A utilização da linguagem dos jovens mostra claramente a mudança linguística, e diante dessa mudança também percebe-se o julgamento das pessoas mais velhas com o vocabulário usado pelos jovens. Essas acusações fazem parte de diversas culturas.

Quanto à classe social, entende-se que os julgamentos linguísticos são sempre julgamentos sociais. Neste caso, se uma

pessoa for de classe alta e usar uma linguagem condenada pela gramática normativa o problema vai estar na gramática, mas quando o indivíduo é de classe baixa e usa uma linguagem não normativa, essa linguagem é considerada um “erro” perante a sociedade.

Diante de tantos estudos propostos é possível perceber que ainda não foi possível acabar com o preconceito linguístico. A todo instante as mudanças ocorridas com as variações da linguagem escrita passam por juízos de valores sobre o uso do que é “certo” e “errado”.

Para Bagno (1999, p. 19):

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que deve e o que não deve falar e escrever” não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

Na visão normativista a linguagem da internet não estaria seguindo as regras da norma culta e seus usuários seriam os assassinos do português brasileiro. Como se pode perceber, a gramática normativista está a cada dia mais presente na vida das pessoas e em todos os contextos, sendo considerada como a única linguagem correta de falar português. Como enfatizado por Bagno (2007, p.59) “a língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa não é português”. O autor mostra que nos dias atuais ainda existe um forte preconceito tanto com a língua falada quanto com a escrita e em se tratando do ambiente virtual, o internetês é a principal vítima. O *site* de relacionamentos e comunicação *Facebook* é um dos quais está sendo explorado em relação ao uso da linguagem escrita.

No que se refere ao ambiente digital, os recursos utilizados para a comunicação e a própria variedade de escrita utilizada, de maneira geral, não são vistos positivamente. Essa modalidade de escrita que é denominada como internetês sofre vários preconceitos, porque diante da visão normativista nem sempre segue o padrão oficial de escrita.

Como a comunicação internetiana acontece de forma simultânea e rápida, os internautas passam a usar muitas

abreviações e *emoticons*, entre outros recursos, o que causa o mau entendimento por parte de algumas pessoas. Estudos científicos da física, química e geografia, por exemplo, estão sempre em constantes mudanças com o avanço de pesquisas e conhecimentos, já termos utilizados em conceitos da gramática continuam sendo usados nos dias atuais e sendo passados de gerações a gerações. Fator esse, que leva pesquisadores a refletirem sobre o que aconteceu na ciência da linguagem, pois em outras áreas de conhecimentos como as que foram citadas anteriormente sempre houve alterações e as pessoas não questionam, aceitam. Neste caso isso não acontece com a linguagem (BAGNO, 1999).

Devido à grande quantidade de pessoas que criticam aqueles que não obedecem às regras padrões propostas pela gramática, o site *Facebook* tornou-se um ambiente de pesquisas e avaliações quanto ao uso da escrita. Há uma grande confusão quanto à questão de norma e da língua, ou seja, as pessoas estão presas e com uma visão imaginária ao afirmar que a única língua correta é aquela que segue a norma padrão e todas as demais variações são degradações da língua verdadeira (FARACO, 2008).

No entanto, a comunicação constituída pelo internetês possibilita a navegação hipertextual através de variados

softwares permitindo aos jovens caminhos favoráveis a novos conhecimentos (LÉVY, 1999). Autores como Possenti (2006), Fonseca e Silva (2006), citados por Magnabosco (2009, p.53) “afirmam que a linguagem do internetês é um código secreto de uma comunidade jovem e moderna”. Os estudiosos acreditam que os jovens criam uma escrita especial escrevendo de duas maneiras na norma padrão e no internetês.

Outros estudiosos como Nogueira (2007) e Martins (2006), também citados por Magnabosco, pelo contrário, defendem que o internetês é prejudicial ao ensino de língua portuguesa, pois segundo os autores essa forma de escrita pode tornar-se um vício e prejudicar a ortografia.

Percebe-se que o uso da internet proporcionou diversas inovações na vida das pessoas, os gêneros que emergem no ambiente digital passam por uma radicalização na escrita, tornando a sociedade textualizada, ou seja, a escrita no ambiente virtual tornou-se a principal ferramenta para a comunicação e interação humana, mas nem todos aceitam essa variação linguística e protestam a forma como a linguagem é usada (MELO; BEZERRA, 2011).

Tradicionalmente, essa concepção de que existe língua “certa” ou “errada” se apoia fortemente no ensino proposto pelas escolas. Muitos professores, sobretudo os de português,

não aceitam que os jovens sigam outra linguagem se não for a proposta pela gramática vista em sala (norma padrão). Infelizmente, há ainda um agravante preconceito linguístico contra a linguagem escrita fora do ambiente escolar, na qual os jovens como principais vítimas não podem expressar-se de outra forma senão for a proposta pela gramática normativista (BAGNO,2007). O referido autor ainda afirma que “é preciso, portanto, que a escola e as demais instituições abandonem esse mito e passem a reconhecer a verdadeira variedade linguística que existe no país” (2007, p.18).

4. Procedimentos metodológicos

Diante do que foi exposto, nos propusemos fazer uma análise em *fanpages* do *Facebook*, análise essa que nos guiou a um estudo mais avançado sobre o uso da linguagem em ambientes virtuais. Para a condução da pesquisa foram selecionadas *5fanpages*, sendo que o nosso objetivo foi selecionar *fanpages* voltadas para defesa da língua portuguesa e aquelas que oferecessem dicas de bom uso da língua. Todo o trabalho de coleta ocorreu no *Facebook*, de onde selecionamos *5 fanpages* sob o critério de que as postagens selecionadas possuíssem mais curtidas e comentários, e delas analisamos os

principais comentários. Das 5 *fanpages* selecionadas, coletamos 50 exemplares (postagens), 10 para cada uma, em que cada postagem deveria apresentar pelo menos 50 curtidas ou comentários.

O primeiro passo para a coleta do corpus foi salvar as postagens. As postagens e os comentários que despertaram o nosso interesse foram salvos em uma pasta específica, por meio dos seguintes procedimentos: ora utilizando a tecla *Print Screen*, ora utilizando a ferramenta de captura. Depois de feita a coleta do corpus como visto no processo acima, começamos a observar cada uma das postagens analisando seus respectivos comentários. No tópico a seguir, apresentamos as análises realizadas sobre o *corpus*.

5. Normativismo linguístico em *fanpages* do Facebook

Como sabemos, o *Facebook* é um *site* de relacionamentos que começou a se expandir aqui no Brasil, em 2011. Para que o usuário tenha acesso deve ser criada uma conta, na qual ele fornece algumas informações pessoais e já pode usar e interagir com diferentes pessoas ao mesmo tempo. Ao ter acesso a sua

conta o usuário pode compartilhar fotos, mensagens e postagens de outrem. Constantemente os internautas são convidados a participar de grupos e a curtir páginas, essas páginas podem ser denominadas como comunidades ou *fanpages*. Essas *fanpages* servem para informar o leitor, fazer propagandas, dar dicas. Os administradores das *fanpages*, frequentemente, realizam postagens e, a partir do momento que o usuário curte uma página, ou melhor, uma *fanpage* ele vai passar a receber notificações da mesma.

Partindo dos embasamentos teóricos e de uma análise da escrita que circula no *Facebook*, buscou-se observar e comparar a escrita usada em *fanpages* desse ambiente e a relação com as práticas de leitura e escrita tradicionais. Através do exame do *corpus* procurou-se investigar o uso da escrita e as diferentes concepções abordadas em torno da língua com a presença do normativismo.

Para alcançar o objetivo da pesquisa foram recolhidas as seguintes *fanpages* para a análise: *Palavra Certa: Dicas Diárias*, *Língua Portuguesa*, *Português em Foco*, *Gramaticando e Língua Portuguesa*, *Literatura e Produção Textual*, as quais estão voltadas para a defesa da língua e para o oferecimento de dicas de bom uso.

Nas postagens das *fanpages* a seguir podemos observar o preconceito incessante que rodeia a escrita do ambiente virtual. Como é visto nos dias atuais e foi dito anteriormente no corpo deste trabalho à escrita que circula em ambientes virtuais, como é o caso da escrita usada no *Facebook*, passa por juízos de valores por não seguir a norma culta da língua. As postagens retiradas das *fanpages* são exemplos claros.

A ortografia usada na postagem da figura 01, por exemplo, por não seguir uma ortografia padrão é motivo de descontração nas redes, o que acaba causando um constrangimento para aquelas pessoas que não seguem as regras da norma culta.

Figura 01: Postagem retirada da *fanpage Palavra Certa- Dicas de Língua Portuguesa*



Fonte:

<https://www.facebook.com/PalavraCerta.Dicas?ref=ts&fref=ts>

São vários os argumentos usados pelos internautas para explicarem o uso da linguagem usada em ambientes de comunicações virtuais. Foram recortados alguns exemplos dos comentários feitos pelos internautas a respeito das *fanpages* para que se possa entender melhor o posicionamento dos usuários sobre o uso da escrita no *Facebook*. Podemos observar em alguns dos exemplos extraídos das respectivas postagens, como nos exemplos (comentários) 01 da figura 01:

Comentário 01 da figura 01



No comentário 02 observa-se a afirmação usuário quanto a escrita, que é uma situação recorrente em todo o país;

Comentário 02 da figura 01

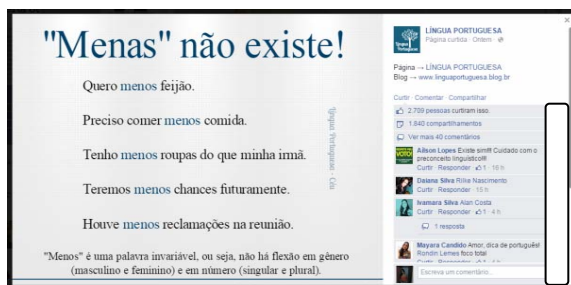


O interessante é que quando uma pessoa começa a interagir outras pegam o embasamento da conversa e formam uma

discussão em torno do assunto abordado, esse caso é observado em todos os comentários extraídos.

A figura 02 é uma postagem referente à *fanpage Língua Portuguesa*, que serve para dar dicas. Como ocorre nas postagens anteriores às pessoas agradecem pelas dicas, dão outras sugestões e etc.

Figura 02: Postagem retirada da *fanpage Língua Portuguesa*



Fonte:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/pb.271668552847123.->

A grande maioria dos usuários critica aqueles que usam “menos”, como pode ser observado no comentário 01, da figura 02.

Comentário 01 da figura 02



É interessante observar que no comentário 02, da postagem 02, o internauta tem uma visão diferente quanto à questão da escrita;

Comentário 02 da figura 02



Quando ele afirma “até quando muitos, aqui, acreditarão que só há a norma culta?” ele está se posicionando contra o normativismo e a favor da variação linguística ocorrida em ambientes virtuais, tentando mostrar que há outras possibilidades de variações e não apenas a norma culta ou a norma padrão.

Na figura 03, postagem retirada da fanpage *Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual*, pode ser observada a visão da sociedade perante o estudante de letras, ou seja, se faz letras tem a obrigação de saber todas as palavras do dicionário e seus significados.

Figura 03: Postagem retirada da fanpage *Língua Portuguesa, Literatura e produção Textual*

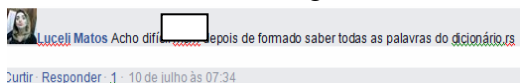


Fonte: <https://www.facebook.com/pages/L%C3%ADngua-Portuguesa-Literatura-e-Produ%C3%A7%C3%A3o-Textual/601090209961206?ref=ts&fref=ts>

A postagem é uma reflexão acerca da exigência que vivemos atualmente. As pessoas aprenderam uma forma de escrever que para elas é a única maneira correta. Nessa visão, um estudante ou professor de português não pode cometer erros ortográficos. A norma padrão exige uma escrita de acordo com nível escolar e as pessoas acabam se enganando ao aceitarem esses conceitos que são vistos desde o período escolar.

Nos comentários 01, 02 da figura 03 observa-se que os usuários discordam do texto escrito na postagem expressando diferentes opiniões. Pode-se observar no comentário 02, por exemplo, que ele usa um *emoticon* para se posicionar. Essa é uma maneira de demonstrar um sentimento, opinião e etc.

Comentário 01 da figura 03



Comentário 02 da figura 03



Na figura 04 é interessante ressaltar a escrita que é usada na postagem, pois, por não seguir a norma padrão, é considerada errada, fora da norma.

Figura 04: Postagem retirada da *fanpage Gramaticando*

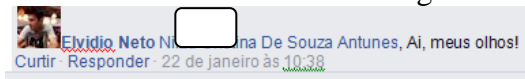


Fonte:

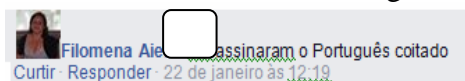
<https://www.facebook.com/Gramaticando?ref=ts&fref=ts>

Podemos notar claramente nos comentários 01 e 02 da figura 04 o espanto que os internautas fazem ao se depararem com a referida postagem.

Comentário 01 da figura 04



Comentário 02 da figura 04



Para esses usuários a maneira como a escrita foi organizada não é certa, isso devido a um único motivo: o de não seguir a escrita padrão posta pela gramática normativa.

E por último, destaca-se na figura 05 a crítica feita aos jovens.

Figura 05: Postagem retirada da *fanpage Português em Foco*



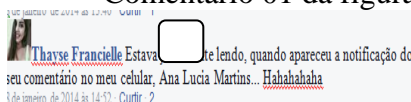
Fonte:

<https://www.facebook.com/PortuguesemFocoCursos?ref=ts&rf=ts>

Como sabe-se vivemos em uma geração altamente tecnológica na qual os jovens estão a todo instante ligados a aparelhos digitais e com acesso à internet. Diante dessa mudança o livro impresso passou a ser digitado proporcionando maior acessibilidade. O caso é que essa mudança leva algumas pessoas a acreditarem que os jovens não lêem, sendo que a todo instante em diferentes sites eles tem acesso a milhares de textos em um mesmo ambiente.

No comentário 01 da figura 05 nota-se a defesa do usuário quanto à crítica feita, o internauta afirma que estava lendo.

Comentário 01 da figura 05



Já no comentário 02 da mesma postagem observa-se uma afirmação um pouco preconceituosa por afirmar que essa é a realidade que vivemos.



Como sabemos, atualmente há uma grande quantidade de jovens que não tem interesse algum pela leitura, mas dizer que é a nossa realidade seria uma afirmação muito generalizada. Dessa forma, resta a essas pessoas que vivem presas a uma única maneira de ver a linguagem e também aos educadores, não só compreender o significado dessa nova prática discursiva, mas também buscar meios de estabelecer uma ponte entre as práticas digitais e as propostas pela escola.

Considerações finais

Os resultados do presente estudo demonstraram que hoje ainda há muitas visões preconceituosas em torno da linguagem usada em ambientes virtuais. A utilização da internet nas diversas atividades humanas modificou a forma de

comunicação e transmissão de informações. O *Facebook*, por exemplo, torna-se um meio de comunicação e interação virtual pelo qual milhares de pessoas exercem atividades diárias. Os novos desafios mostram um longo caminho a percorrer, seja pela propagação no processo de inclusão digital, seja pelos novos suportes que surgirão ao longo do tempo.

Depois de vários anos de estudos, linguistas e pesquisadores mostram que ainda há muitas críticas quanto ao uso da linguagem da internet. As várias concepções abordadas sobre variações linguísticas ainda não chegaram ao ponto de acabar com essa visão normativista de que só existe uma maneira de se falar português.

Através das abordagens feitas foi possível observar que a linguagem do ambiente digital constitui um campo de produtividade com possibilidades de ser explorado a partir de muitos aspectos. O *Facebook* não deve ser visto apenas como um site de relacionamentos e sim como um novo suporte para a linguagem. Cabe agora às redes institucionais assegurar aos jovens o acesso às diversas práticas de leitura e escrita relativas às diferentes formas de utilização da escrita.

Os profissionais de linguagem precisam desenvolver técnicas pedagógicas eficazes em diversos espaços educacionais para que os alunos possam enfrentar os novos desafios

colocados na área de língua portuguesa que surgem ao longo do século. Intenciona-se, portanto, que o resultado deste trabalho possa contribuir para uma visão clara a respeito da diversidade da língua e das supostas práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais.

Referências

ARAÚJO, J. C.; RODRIGUES, B. B (Org.). **Novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, Benedito. G. **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011.

CAVALCANTE, F. L.; NUNES, V.S. **O hipertexto e suas implicações para o ensino**. In: BEZERRA, Benedito G. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 172.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

IRANDÉ ANTUNES. **Língua, texto e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.35-36

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cybercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 33.

MAGNABOSCO, Gislane G. **Hipertexto e gêneros digitais**: modificações no ler e escrever. Conjectura, v.14, n.2, maio/agosto.2009.

MARCUSCHI, Luiz A; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Simone P; GOMES, Benedito; B. **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011. p. 27-31.

PIMENTEL, Renato Lira. **Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook**. Recife, 2014. 118p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Linguística, 2014.